

PALESTRA DO PRESIDENTE DE FALA CEIVE EM MADRI

1 de Dezembro de 2003

Andava eu atarefado no meu trabalho, nesta vila grande por demais que é Madri, eram as 12 horas e ia baixar com um cliente a fazer umha gestom, tivemos para procurar um dado legal que entrar na Internet, roubei uns segundos e entrei tamém no fórum de **Fala Ceive**, havia tempo que nom o figera, e oh meu Deus, neste 1 de Dezembro, data na que em Portugal celebram a restauraçom da independência, iniciada o 1 de Dezembro de 1640 contra do domínio castelhano, ia darmos duas palestras nesta cidade o Presidente de **Fala Ceive, Alberte Bautista**, sobre umha cousa que chamava galego exterior.

Umha pola manhã num colégio universitário e outra na escola de línguas central pola tarde. Como berziano e por tanto galego, nom entendia muito bem isso do galego exterior, mas o desejo enorme de poder escuitá-lo e sentir-me um pouco na minha terra, podia todo. Mudei a minha agenda, pois essa tarde eu fugiria para aboiar entre os montes dos nossos vales e olhar-me na superfície de aço que reflecte o Sil.

Tomei numha cafetaria umha rápida refeição, deixei a conversa com um cliente e fum-me a descoberta da escola central de línguas da cidade. Conheço outros centros de este tipo na cidade, mas nom este.

Eram às quatro e trinta quando perguntava no edifício pola tal conferência, nom dim com a pessoa indicada, mas antes de cair no desespero e pensar que estava errado na referência do sitio, um funcionário do centro trás ir consultar umhas folhas de actividades indicou-me o caminho certo.

Ainda nom eram as 4:45 e já estava eu numha cadeira do fundo da sala, aquilo estava ainda praticamente sem ninguém, mas eu sentia-me como o Castelaio que escreveu em Buenos Aires **Alva de Groria**..

As menos cinco estava o salom ateigado de publico. O público estava formado na imensa maioria por alunos e alunas e alguns curiosos alheios, como mim entre eles, a língua que se falava era o galego, ainda conversei com o companheiro da minha direita que resultou um natural de Madrid, sem laços com a Galiza, e simples interessado na nossa cultura, e que falava um galego excelente.

As cinco, ali à nossa frente achava-se Alberte Bautista, com a sua mirada límpida, acompanhado de quem resultou umha das professoras de galego do Centro, Ana Monteseirim (e que mais tarde viriamos a saber que era eu-naviega).

Seguia chegando gente, as cinco em ponto sufocado chegou um moço alto e moreno que saudou ou mais bem se apresentou ao conferencista, logo acabaria por saber que era um habitual da nossa lista o Alexandre Banhos. Entrarom mais duas pessoas fechou-se a porta e Ana fixo umha apresentaçom do Alberte cheia de calor familiar.

Alberte começou explicando, quem era, como nasceu e se criou em Ponferrada, a sua história pessoal é um pouco um espelho do caminho percorrido por muitos galegos e galegas da zona, e logo afirmou que nom ha galego exterior, e com isso acabou de ganhar o meu coração; que ha galego que nom é externo à Galiza, senom que é da Galiza mesmo, e que questões administrativas do estado espanhol, as do Sr. *Javier de Burgos* e a sua divisom provincial, e o actual desenho das comunidades autónomas fai que haja galegos e galegas que estão em comunidades autónomas distintas da galega, e com umha limitação muito grave dos seus direitos linguísticos, com dous modelos. Um muito agressivo cara o galego, que é o que temos nas Astúrias, onde andam até a inventar línguas para nom reconhecer o galego, ainda que se está esperançado nos efeitos que poda ter a designação como responsável de política linguística do Principado de Ramon d'Andrés, pessoa honesta que tem sempre reconhecido a realidade trilingue de Astúrias, mas de todos os jeitos, dixo, é melhor aguardar porque nunca se sabe; e outro mais *tolerante* a partir da reforma do Estatuto de Castela-leom que permitiu o reconhecimento da língua galega e umha incorporação muito limitada desta ao ensino.

Fixo a projecção duns mapas acompanhados de interessantes dados sobre o Eu-Návia, O Bérzio, e as Portelas, (Logo no colóquio umha garrida moça do concelho de Porto dixo que era melhor chamar-lhe alta-Seabra, fronte ao critério de Felipe Lubiám). Entrou logo numha vista singela mas precisa da dialectologia galega, e como o galego da franja leste e as suas características em nenhum caso estão limitadas ao território da Galiza, exterior à Comunidade Autónoma da Galiza.

Abriu-se um interessante colóquio onde a gente perguntava cheia de curiosidade. **Alberte** pudo explicar o papel tam importante que está tendo a cidade de Ponferrada na recuperação da língua, o número de alunos que estão a demandar o galego, (e há que pensar que as exigências para existir aula de galego som incríveis), e como medra o interesse pola língua, e bom, que há umha atitude muito favorável neste poderoso núcleo que representa mais do 70 per cento da população do Berzo; veu logo umha breve lembrança de todos os centros que tenhem galego, e das campanhas que realizam os *Ceives*, para continuar acrescentado-os. Falou das campanhas a prol da demanda da língua nos centros públicos de ensino, puxo um exemplo com um cartaz, de como se conecta o galego com o português como elemento positivo.

Lamentou que a Administração galega, a pesar de que a Lei 3/83, de Normalização lingüística, fai referência e sinala obrigas com respeito a estes territórios, despreocupa-se deles; mas os galegos e galegas sim que tenhem enviado já vários miles de livros para a dotação das bibliotecas e centros.

Saíram várias perguntas sobre política e língua na Faixa Leste, e o presidente de **Fala Ceive**, fixo um relatório bastante exaustivo de todas as organizações que nos territórios da Faixaa estão a prol da língua e a sua defesa, tivo umha menção especial para o deputado polo PSOE, nas Córtes de Castela e Leom, Filipe Lubiám -um verdadeiro gigante a prol do galego-, dixo que ha que separar as reivindicações políticas das linguístico-culturais, ainda que os grupos políticos galegos si deveriam ter um compromisso claro com estes territórios.

Desde o público levou duras críticas o Bloco Nacionalista Galego, pois sendo a mais poderosa organização política galega mostra total indiferença nesta matéria. Alberte Bautista lembrou o papel importante do BNG nas cortes do estado na reforma do Estatuto. Foram citadas outras organizações minoritárias que si que tinham outro posicionamento.

Andavam na Escola com a semana da multiculturalidade ou algo assim, e no salom ia haver outra palestra, e tínhamos que deixar o espaço, a gente queria continuar, e o professorado fixo gestões para trasladarmos todos os que querer continuar a umha aula grande no quarto andar.

Ali naquela aula onde estávamos todos apertujados, apresentou-se outra professora de galego da Escola, Neves; e entrementes Alberte seguiu a falar do tema, do grupo que preside, **Fala Ceive**, informou da situação do leonês ou asturo-leonês, e como nom lhes é indiferente o que se faga a prol desta língua que está numha gravíssima situação no Berzo, e a falta de preocupação real dos leonessistas com ela, que nom a percebem mais que como um elemento de folclore no que nom se crê, e que resta de jeito compacto, já só em duas pequenas áreas do Berzo: Perançais no noreste e em parte da Cabreira. Apresentou a falta de prestígio que tem no Berzo o leonês frente a língua galega. Falou do orgulho de escuitar a nenos e nenas de Ponferrada falarem em galego etc. etc.

Havia que deixar a aula. A professora eu-naviega, Ana, que estava com o rosto feliz e radiante polo sucesso da palestra e o interesse por um tema que lhe é tam achegado, indicou ao que quigera que podíamos descer a cafetaria e seguirmos falando.

Colei-me como quem nom quer a cousa, ao grupo de perto de vinte pessoas que seguia a Ana e ao Alberte, escutando calado a todos e todas, eram umha colecção de gente maravilhosa e que amavam a Galiza com independência de que alguns nom foram galegos ou galegas. Eu ficava calado como si aquele nom fora o meu sítio, escuitando a todos.

A minha esquerda estava Paloma, umha moça de Sárria, longe mais com contacto com os olhos Alberte, Ana falava com o Alexandre, e eu calado sentia-me feliz, – é o demo nom ter tempo em Madri para vir a esta escola de línguas, pois paga a pena ainda que fora só pola companhia.

Era tarde e nom queria romper o mágico momento, erguim-me fum a barra a pagar, tudo estava pago, saim sentindo-me um velhote no médio de tanta juventude e entusiasmo, e caminhei na noite fria mentras olhava nas ruas o sil escuro deslizando-se entre as montanhas que amo.

César